

## APOSTAS

No Brasil, 22 milhões de pessoas gastam dinheiro em competições virtuais. Na esperança de fazer renda extra, muitos acabam se endividando e caindo em um ciclo sem fim

# Jogos on-line: vício em apenas um clique

» RENATO SOUZA

Em uma chácara adaptada para ser uma clínica de reabilitação, em Brasília, há três semanas, está Antônio. Quem olha para a aparência simples do profissional de educação física não imagina que, nos últimos 12 meses, passaram quase R\$ 1 milhão pelas mãos dele. Mas apenas passaram, pois em minutos todo o dinheiro que ele conseguia desaparecia em apostas de jogos on-line.

“Eu cheguei a perder R\$ 60 mil em um dia. Começava apostando pouco, R\$ 50, R\$ 100. Mas logo eu perdia esse dinheiro. Vinha frustração, mas, ao mesmo tempo, a expectativa de recuperar o valor perdido e lucrar nas apostas seguintes”, diz ele.

Para quem não conhece a realidade fica difícil imaginar como um profissional de classe média baixa poderia conseguir tanto dinheiro. Mas Antônio explica: “Eu vendi casa, fiz empréstimos, pegava dinheiro com amigos dizendo que iria fazer o valor render e devolver com lucro para eles.”

A clínica onde Antônio está funciona em regime de internato. Os pacientes, viciados em jogos, drogas ou com alguma outra patologia, como esquizofrenia e depressão, não podem sair nem mesmo nos fins de semana, ficam afastados da família e de tudo que gera o vício, inclusive celulares e computadores.

## Dependência que custa caro

Gastos de brasileiros com jogos on-line já superam investimentos em fundos, títulos públicos e privados e ações

### O JOGADOR

**14%** usam apps de aposta  
 ■ 22 milhões de brasileiros  
 ■ Apenas 4% aplicam em fundos de investimentos

**40%** tentam ganhar dinheiro rápido em momento de necessidade

**22%** acreditam que as apostas são investimento

**29%** da geração Z aposta em bets

### RECEIOS

**56%** relatam estresse por medo de perder fontes de renda

### MERCADO BILIONÁRIO

Empresas de apostas on-line movimentam

**R\$ 120 bilhões** por ano

### SITUAÇÃO FINANCEIRA

**37%** dos brasileiros investem em produtos financeiros

**34%** dos brasileiros gastam mais do que ganham

Fonte: Raio X do Investidor, Anbima, Mr. Jack, bet

Eles são acompanhados 24 horas por dia e recebem atendimento psicológico, psiquiátrico e médico. “Eu vou sair daqui, mas só vou sair quando estiver pronto para sequer tocar no celular. Se eu sair hoje, vou jogar

de novo. Se não tiver internet no celular, eu ligo para um amigo e ele joga para mim. Eles também estão viciados”, conta o paciente.

A situação de Antônio é cada vez mais comum entre pessoas que tentam uma renda

extra, precisam pagar dívidas ou vêem nos jogos uma oportunidade de ganhar muito dinheiro em pouco tempo. No entanto, as plataformas, pensadas para que o usuário perca, agravam a situação.

Um levantamento encomendado pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima) ao Instituto Datafolha aponta que 14% da população brasileira, um universo de 22 milhões de pessoas, já usam os aplicativos de apostas, os famosos bets, como Tigrinho e Blaze.

Disseminados por influenciadores e páginas de internet, que muitas vezes recebem reforço de perfis fakes, os chamados bots, em comentários, os jogos de apostas inundam a internet e atraem principalmente a população de menor renda. Os dados da pesquisa apontam que 40% dos jogadores tentam “ganhar dinheiro rápido em momentos de necessidade”.

Para se ter uma ideia da dimensão, ao mesmo tempo em que 22% estão em aplicativos de jogos de apostas, apenas 4% aplicam em fundos de investimentos — modalidade mais segura de usar o dinheiro. Ao todo, as empresas que administram as plataformas movimentam cerca de R\$ 120 milhões por ano.

\*Nome fictício para preservar a identidade do paciente

## Questão de saúde

O psicólogo Rafael Ávila é integrante do grupo SOS Jogador, um movimento criado para atender pessoas que sofrem de vícios em jogos. A iniciativa, que surgiu há seis meses, já atende 500 pessoas. “O grupo funciona como um apoio às pessoas que se sentem perdidas em como parar de jogar, se sentem sozinhas e não conseguem ou não sabem onde procurar ajuda”, explica.

De acordo com ele, o problema começa quando o usuário deixa de ver o jogo como uma forma de entretenimento e acredita se tratar de uma forma de investimento. “A partir do momento que o indivíduo vê o jogo como uma fonte de renda alternativa, ele se põe mais disposto a colocar mais dinheiro. Quando perde esse valor que não poderia perder, corre atrás de jogar mais para tentar recuperar.”

O psicólogo salienta que o comportamento de não aceitar as perdas e continuar jogando para recuperar a quantia é o principal impulso para os problemas financeiros. “É um comportamento-padrão que vemos em praticamente todas as histórias de pessoas dependentes”, destaca.

O psiquiatra Lucas Benevides, professor do CEUB, afirma que o vício em jogos é uma doença reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pode levar a danos financeiros e psicológicos irreparáveis. “Ele é categorizado como um transtorno de jogo, reconhecido por organizações de saúde mental. Esse transtorno é caracterizado por um padrão persistente e recorrente, que prejudica a vida pessoal, familiar ou vocacional do indivíduo”, diz.

Segundo ele, existe tratamento para o problema, que pode incluir condições adjacentes, como depressão e transtorno bipolar. “O tratamento pode incluir uma combinação de terapias psicológicas, suporte de grupos de ajuda e, em alguns casos, medicação. A terapia cognitivo-comportamental é comumente usada. Grupos de apoio, como os Jogadores Anônimos, também proporcionam um ambiente de suporte para indivíduos buscando se recuperar”, completa.

## Brasil S/A

por Antonio Machado



machado@cidadebiz.com.br

## Tese contra a mesmice

Um movimento tênue, mas crescente, envolvendo aportes de capital, ou compromissos de participação em projetos de investimentos com maturação no médio prazo, toma corpo em alguns setores da economia. É um indicativo de um princípio de descolamento da dominância dos embates políticos entre governo e Congresso e de riscos fiscais.

Trata-se, na economia real e em segmentos do mercado de capitais, de uma variante do mesmo cansaço identificado na sociedade com as mesmices de análises econômicas, especialmente a dominância fiscal nos textos e entrevistas dos ministros do governo, de economistas mais ouvidos pela imprensa, e, também, com a polarização política.

Notícias como o acordo negociado pela CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), do empresário Benjamin Steinbruch, para avaliar a compra do grupo cimenteiro InterCement, ex-Camargo Corrêa e segundo maior produtor do país, se inserem em tal movimento. Se for concluído, envolverá valores da ordem de R\$ 6 bilhões, cifra que implica confiança numa retomada mais célere do crescimento econômico para frente. É o caso também da captação de R\$ 1,8 bilhão do fundo de investimento imobiliário da XP, com pessoas físicas subscritendo 65% das cotas ofertadas.

Em situação de normalidade política, notícias como essas teriam mais visibilidade midiática que a pauta convencional sobre dados de inflação, déficit primário e reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom). São números incômodos não pelo tamanho nem pelo seu viés, mas por reforçar uma rotina de expansão do gasto público corrente desde sempre.

A novidade que se vai insinuando embute algum pragmatismo de quem administra carteiras de investimentos em participações acionárias. Eles enxergam o quê? Duas constantes se apresentam nessa tese.

A primeira é que o Brasil se tornou o último biscoito do pacote de oportunidades globais. Tem uma economia grande entre os países emergentes, um mercado potencial de massa mal explorado e não faz mais e melhor pelo voo baixo de lideranças políticas antiquadas e a mistura de ceticismo com acomodação de parte do empresário.

A segunda deriva da primeira: com o mundo conturbado, os males do Brasil se apequenam diante do potencial. Essa tese para de pé.

### O momento de atenção

As transformações quanto ao futuro imediato do país são visíveis entre gestores mais ativos do segmento de fundos de investimentos em participações (FIP), ou fundos de private equity. Eles assumem premissas validadas pelos seus investidores de referência: uma combinação de famílias ricas, gestores bem-sucedidos que se tornam investidores de longo prazo e outros fundos, em geral de fora, em busca de diversificação de seus portfólios e experiências.

A certeza que os move é de que só um cataclismo político de grandes proporções impedirá a continuidade da prioridade dos projetos de infraestrutura, entre novas fontes de energia, logística de todos os tipos, obras de saneamento, tecnologia digital etc.

Boa parte da certeza é que o funding para tais projetos dependerá menos de dinheiro público como no passado. A outra ainda é mais uma aposta: que grandes reformas serão feitas a partir de 2026.

Aos que confiam nesse cenário, entre os quais me incluo, a data de corte para reavaliação dos ativos nacionais será mais para fim do ano, influenciada também pelo resultado das eleições municipais — indicador político antecedente para a sucessão presidencial e o tamanho das bancadas da nova legislatura federal.

Nesses termos, o momento de atenção nas oportunidades é agora. Os valores são portentosos. Só para universalizar o acesso a água e esgoto até 2033, meta aprovada pelo Congresso, o investimento será da ordem de R\$ 525 bilhões, dos quais, segundo projeção da Abdib, quase R\$ 200 bilhões estão abertos, e R\$ 44,5 bilhões concedidos.

### Quem sabe faz a hora

Enquanto o noticiário exibe uma série de confusões na política e desgraças ambientais, policiais, de saúde (alô, dengue!) etc., no silêncio, empresas que acreditam na tese do progresso à revelia da letargia estatal estão crescendo, ocupando espaço e lucrando.

No bairro do Brás, em São Paulo, os gigantes de e-commerce Shein e Mercado Livre se digladiam para afiliar lojistas numa área pouco digitalizada. Ambas disputam um mercado de US\$ 3 bilhões anuais e que atrai, em dias de pico, 300 mil compradores por dia.

A Shein, por exemplo, montou um estúdio de comerciais com modelos próprios para exibir os produtos dos lojistas da área. Movimentos assim explicam o dinamismo econômico do novo mundo dos negócios digitais, algo muito mal compreendido por economistas e a liderança política no país.

A verdade é que por trás não há apenas big techs, mas “inovações criadoras de mercado”, como as definiu o professor de gestão de Harvard, Clayton Christensen (morto em 2020), autor da teoria da inovação disruptiva em seu livro *O Dilema da Inovação*. É preciso atentar para isso. Os investimentos para aumentar a produtividade da economia tendem a dispensar empregos e não em ampliá-los.

A solução vem de inovações que atendem o consumidor excluído e criam empregos. “Elas constroem empresas e países”, diz a tese.

### Sem amigos importantes

O avanço digital é o abre-alas do desenvolvimento reinventado — e também das tensões geopolíticas que sacodem o mundo. Ignorá-lo é o caminho mais curto para a irrelevância. Mas há tempo para mudar.

Na vizinhança, Colômbia se projeta como um ninhal de fintechs e lá como cá sem ter a devida atenção dos governantes. Na Argentina, sempre em tumulto político, Mercado Livre se expandiu dando banana a programas estatais e subsídios. Chile, idem. E aqui o movimento de inovações nem sequer é noticiado. Melhor para quem acredita e faz, já que gasta menos e cresce sem quase nenhuma concorrência.

É o que talvez justifique pesquisas recorrentes do Ipsos sobre o ambiente político e social na América do Sul destacarem a empresa privada no ranking das instituições mais confiáveis. Nosso setor privado parece desconhecer seu conceito. Sem problema: a turma da nova geração está chegando. E não se importa em não ter amigos importantes em Brasília.

Seu leão pode colorir a vida de muitas crianças

ATÉ 31/5

**Doe seu Imposto de Renda para o Hospital Pequeno Príncipe**

Que tal fazer uma **doação** para **projetos sociais** em vez de pagar **Imposto de Renda**? Parece interessante, né?

Muita gente não sabe dessa oportunidade, mas é possível **apoiar** instituições filantrópicas, como o **Hospital Pequeno Príncipe**, de forma **fácil e sem custo**.

Leia o QR code ao lado ou acesse **nosso site e veja como doar**, direto na declaração, **até 31 de maio**.

{41} 2108-3886 {41} 99962-4461  
doepequenoprincipe.org.br

10 anos HOSPITAL PEQUENO PRÍNCIPE